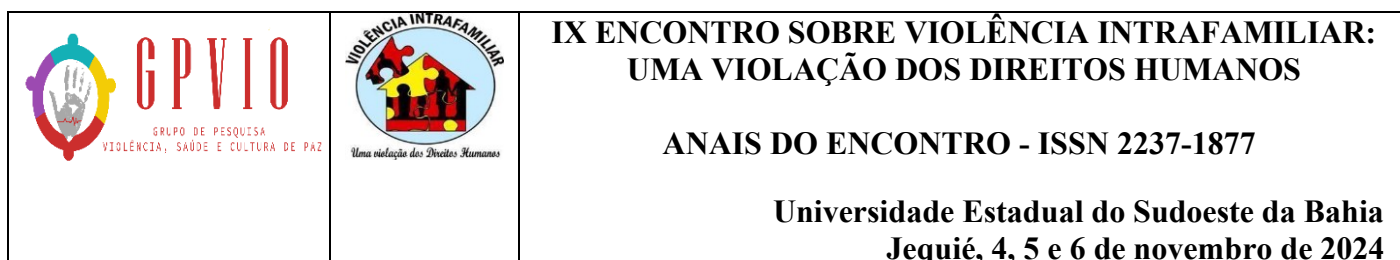


Relato de Experiência



CAPACITAR PROFISSIONAIS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE PARA PREVENIR A VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Amanda de Alencar Pereira Gomes¹
Jéssica dos Santos Simões²
Renara Meira Gomes²
Juliana Costa Machado³
Vanda Palmarella Rodrigues⁴

Introdução

Casos de violência contra a mulher são uma realidade na rotina de profissionais de saúde, principalmente da Atenção Primária à Saúde (APS), tendo em vista que estão mais próximos às usuárias. Além disso, por se tratar da porta de entrada, este serviço pode ser considerado um intermédio para identificar mulheres em situação de violência e fazer os devidos encaminhamentos (Fusquine *et al.*, 2021).

Salienta-se que nesses espaços são registradas grandes dificuldades para atuação no enfrentamento da violência por falta de capacitação profissional. É notória a falta de preparo de profissionais de saúde para identificar os tipos de violência contra a mulher e suas formas, tendo em vista que estes destacam a relevância de realizarem capacitações para sentirem-se mais preparados e qualificados (Jardim; Paltrinieri, 2022).

No que tange à violência obstétrica, enfermeiros atuantes na APS apresentam compreensão superficial sobre este agravo e sobre quais práticas são consideradas violentas. A concepção e contextualização dos profissionais sobre a definição da violência que acomete mulheres no processo de gestar e parir também tem sido deficiente. Este achado tem repercutido, inclusive, na forma como os profissionais ofertam educação em saúde sobre a

¹ Enfermeira. Doutoranda em Ciências da Saúde pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Integrante do Grupo de Pesquisa Violência, Saúde e Cultura de Paz (GPVIO). E-mail: amanda.alencarpg@gmail.com.

² Enfermeira. Doutoranda em Ciências da Saúde pelo PPGES da UESB. Integrante do GPVIO.

³ Enfermeira. Doutora em Ciências da Saúde. Docente do curso de enfermagem e do PPGES da UESB. Líder do GPVIO.

⁴ Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente do curso de enfermagem e do PPGES da UESB. Líder do GPVIO.

temática para as mulheres durante o pré-natal, pois não se consideram preparados para abordar o tema em sua totalidade (Silva; Aguiar, 2020).

Para além dos enfermeiros, o estudo identificou que a equipe multidisciplinar que oferece assistência às mulheres no ciclo gravídico-puerperal também está despreparada para debater sobre a violência obstétrica. Dessa forma, são necessárias estratégias para que os profissionais compreendam os direitos das mulheres (gestantes ou parturientes) nesse cenário (Garcia *et al.*, 2023).

Mediante o exposto, identifica-se como as capacitações realizadas com profissionais de saúde da APS sobre a violência obstétrica podem favorecer que o cuidado às mulheres seja realizado com mais segurança, no que concerne atuar no enfrentamento deste fenômeno, a contar do pré-natal.

Objetivo

Relatar a experiência de capacitação para profissionais de saúde da Estratégia Saúde da Família sobre violência obstétrica.

Descrição da Experiência

Foram realizadas capacitações com profissionais de saúde integrantes das Unidades de Saúde da Família (USF) do município de Jequié (BA). As ações fizeram parte do Projeto de Extensão “Atuação das Equipes Saúde da Família no Enfrentamento da Violência contra a Mulher” da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Todos os profissionais das USF eram convidados a participar, sendo estes enfermeiros, médicos, técnicos de enfermagem, dentistas e agentes comunitários de saúde.

A realização dos encontros ocorreu entre os meses de setembro de 2023 a maio de 2024, com duração média de quatro horas. Ocorreram 18 encontros com 34 equipes de saúde no auditório da Secretaria Municipal de Saúde e da UESB. O dia e horário era agendado previamente, conforme a disponibilidade de cada equipe.

A equipe executora era composta por docentes do curso de enfermagem, estudantes de graduação e pós-graduação (mestrado e doutorado) de enfermagem e fisioterapia do Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES). Cada membro da equipe ficava responsável por uma atividade durante a capacitação, sendo divididas em dinâmica de apresentação dos participantes, realização de pré e pós-teste com questões para avaliar o conhecimento prévio e adquirido após a capacitação e exposição dialogada com auxílio de apresentação de *PowerPoint*, sobre a violência contra a mulher, explanando seus diferentes tipos, dentre estes, a violência obstétrica.

Repercussões

As capacitações constituíram-se de momentos de troca de aprendizados entre equipe executora e participantes. Foi apresentada a contextualização da violência contra a mulher, suas nuances e desdobramentos para que os profissionais atuantes na APS se sentissem preparados para agir e enfrentar este agravo à saúde das mulheres.

Inicialmente através de apresentação *PowerPoint* uma docente do curso de enfermagem explanava a temática, definia conceitos, esclarecia as formas como a violência contra a mulher se manifesta, quem a pratica e em quais circunstâncias.

A violência contra a mulher é definida como qualquer ação/conduta baseada no gênero que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher (Brasil, 2011). Tendo por base esse conceito, os profissionais de saúde foram orientados a identificar os fatores baseados no gênero, no papel social do ser homem e mulher que envolve as faces dos diferentes tipos de violência que as mulheres vivenciam.

Dos tipos de violência baseadas no gênero apresentados, a violência obstétrica foi referida como uma violência que ocorre no processo de gestar e parir, entendida como qualquer desrespeito cometido por profissional de saúde na prestação de cuidado a uma mulher, em função da sua condição ou capacidade reprodutiva, que destitui sua autonomia e o poder de escolha sobre o seu corpo (Medeiros, 2021).

No processo de gestar, este agravo se manifesta às gestantes nas consultas de pré-natal, posteriormente às parturientes durante o trabalho de parto e parto, bem como às puérperas enquanto estas estão aguardando alta. Da mesma forma, mulheres em situação de abortamento também têm vivenciado desrespeitos e maus-tratos considerados práticas violentas por parte dos profissionais (Tesser *et al.*, 2015).

As formas de violência obstétrica foram exemplificadas para que os participantes pudessem compreender melhor e se inteirar de que procedimentos considerados desatualizados não são mais recomendados e devem ser banidos. Nesse momento, muitos participantes aproveitaram para tirar dúvidas e compartilharam relatos sobre situações pessoais ou de mulheres conhecidas que vivenciaram diferentes formas de agressão enquanto estavam em maternidades.

Pesquisa mostrou que são descritas na literatura diferentes formas de violência obstétrica, sendo estas as formas verbais/psicológicas através de falas desrespeitosas ou que humilhem as mulheres. A forma física através da realização de episiotomias, manobras de *Kristeller*, puxos dirigidos, entre outros. Além do descumprimento de leis como a proibição da presença do acompanhante e violação de direitos reprodutivos (Gomes *et al.*, 2024).

Para fomentar a discussão foram apresentados dados estatísticos referentes à quantidade de mulheres que relataram a vivência da violência obstétrica. Em 2010, pesquisa de ampla abrangência nacional realizada no Brasil identificou que uma em cada quatro mulheres vivenciou algum tipo de abuso ou maus-tratos durante o parto (Venturi *et al.*, 2010). A partir de então, ao deparar-se com esses dados significativos, novas pesquisas foram realizadas com o intuito de abranger as discussões sobre esse problema de saúde para as mulheres.

Fator que pode associar-se ao alto número de casos de violência obstétrica é a desatualização profissional, que perpetua condutas não baseadas em evidências científicas (Oliveira; Penna, 2017). Para tanto, capacitações como as realizadas pelo projeto de extensão em questão, podem favorecer que os profissionais identifiquem este tipo de violência contra a mulher e revejam suas condutas, para que mulheres recebam assistência obstétrica de forma respeitosa.

Considerações Finais

As capacitações sobre violência contra a mulher para profissionais de saúde da APS possibilitaram aproximação com a temática e reforçaram a necessidade de treinamento e orientação quanto ao seu enfrentamento. Abordar sobre a violência obstétrica para profissionais atuantes na APS favorece que as gestantes que procuram o serviço durante o pré-natal recebam orientações corretas e direcionamento adequado para o parto.

Para que os números de mulheres que vivenciam a violência obstétrica sejam diminuídos é necessário que os profissionais de saúde se atualizem e revejam a assistência oferecida. Dessa forma, as capacitações também foram importantes para que os profissionais possam basear as condutas em evidências científicas atualizadas como estratégias para favorecer o cuidado humanizado e a segurança do binômio mãe-bebê.

Descritores: Atenção primária à saúde. Capacitação profissional. Violência obstétrica.

Eixo Temático: A saúde coletiva no enfrentamento da violência.

Referências

BRASIL. Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência contra Mulheres. Secretaria de Políticas para as Mulheres – Presidência da República. **Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres**. Brasília, DF: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2011.

FUSQUINE, Rafaela Serrano; SOUZA, Yasmin Alves de; CHAGAS, Aucely Corrêa Fernandes. Conhecimentos e condutas dos profissionais de saúde sobre a violência contra a mulher. **Revista Psicologia e Saúde**, Campo Grande, MS, v. 13, n. 1, p. 113-124, jan./mar. 2021.

GARCIA, Rosemeire Rodrigues; GOMES, Carla Giovana Tardelli; GOMES, Thayná Tardelli; DUARTE, Luana de Oliveira. A atuação da equipe multidisciplinar na prevenção da violência obstétrica. **Journal of the Health Sciences Institute**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 117-22, jun. 2023.

GOMES, Amanda de Alencar Pereira; GOMES, Renara Meira; RODRIGUES, Vanda Palamarella. Violência obstétrica e o contexto da formação profissional em saúde: revisão narrativa. **Revista Saúde.com**, Jequié, BA, v. 20, n. 3, p. 3348-3357, set. 2024.

JARDIM, Tânia Horsth Noronha; PALTRINIERI, Isabel Cristina Silva Marques. A importância da capacitação profissional, na efetivação das políticas públicas de enfrentamento à violência contra a mulher. **Studies in Social Sciences Review**, Paraná, v. 3, n. 3, p. 755-767, jul./set. 2022.

SILVA, Mariana Isidoro da; AGUIAR, Ricardo Saraiva. Conhecimento de enfermeiros da atenção primária acerca da violência obstétrica. **Revista Nursing**, São Paulo, v. 23, n. 271, p. 5513-18, ago. 2020.

MEDEIROS, C. **Meu corpo, minhas regras**: a violência obstétrica como controle de corpos no Brasil. São Paulo: UICLAP, 2021.

OLIVEIRA, Virgínia Junqueira; PENNA, Cláudia Maria de Mattos. O discurso da violência obstétrica na voz das mulheres e dos profissionais de saúde. **Texto e Contexto Enfermagem**, Florianópolis, SC, v. 26, n. 2, p. 1-10, set. 2017.

TESSER, Charles Dalcanale; KNOBEL, Roxana; Andrezzo, Halana Faria de Aguiar; DINIZ, Simone Grilo. Violência obstétrica e prevenção quaternária: o que é e o que fazer. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 35, p. 1-12, jun. 2015.

VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma; DIAS, Rita; ALBA, Deise de; ROSAS, Wagner; FIGUEIREDO, Nadja. **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços públicos e privado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: SESC, 2010.